

ENTRE O PERFECCIONISMO E O CONTROLE: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM MIRANDA PRIESTLY À LUZ DA TERAPIA DO ESQUEMA

BETWEEN PERFECTIONISM AND CONTROL: AN ANALYSIS OF THE CHARACTER MIRANDA PRIESTLY THROUGH THE LENS OF SCHEMA THERAPY

ENTRE EL PERFECCIONISMO Y EL CONTROL: UN ANÁLISIS DEL PERSONAJE MIRANDA PRIESTLY DESDE LA PERSPECTIVA DE LA TERAPIA DE ESQUEMAS

Bruna Viegas Martins¹
Orientador Samuel Greggio²

RESUMO: Este estudo objetiva analisar o funcionamento psicológico da personagem Miranda Priestly (O Diabo Veste Prada, 2006), à luz da Terapia do Esquema, identificando os Esquemas Iniciais Desadaptativos predominantes, os estilos de enfrentamento utilizados e os modos esquemáticos manifestados ao longo da narrativa. Trata-se de um estudo de caso teórico clínico de natureza qualitativa, fundamentado na observação sistemática da obra e análise comportamental da personagem. Os resultados apontam predominância de Esquemas Iniciais Desadaptativos dos domínios Supervigilância e Inibição e Limites Prejudicados. Identificou-se o uso predominante de hipercompensação e evitação, manifestados por controle e distanciamento. Quanto aos modos esquemáticos, evidenciam-se o Pai/Mãe Exigente, Pai/Mãe Punitivo/Crítico, Hipercompensador e Protetor Desligado. O estudo demonstra a viabilidade da análise de personagens fictícios como recurso pedagógico e clínico para a compreensão de padrões complexos de personalidade e modos de funcionamento emocional na Terapia do Esquema.

Palavras-chave: Terapia do Esquema. Psicologia. Personalidade.

ABSTRACT: This study aims to analyze the psychological functioning of the character Miranda Priestly (*The Devil Wears Prada*, 2006) from a Schema Therapy perspective, identifying predominant Early Maladaptive Schemas, coping styles, and schema modes manifested throughout the narrative. It is a qualitative theoretical-clinical case study based on systematic observation of the film and behavioral analysis. Results indicate a predominance of Early Maladaptive Schemas within the Overvigilance/Inhibition and Impaired Limits domains. The predominant use of overcompensation and avoidance was identified, manifested through control and emotional detachment. Regarding schema modes, the Demanding and Punitive Parent, Overcompensator, and Detached Protector modes were evident. The study demonstrates the feasibility of analyzing fictional characters as a pedagogical and clinical resource for understanding complex personality patterns and emotional functioning modes in this approach.

Keywords: Schema Therapy. Psychology. Personality.

¹ Psicóloga Especialista - Escola de Ciências da Saúde e da Vida da PUCRS - Especialista em Terapia Cognitivo-comportamental.

² Orientador. Professor Doutor - Escola de Ciências da Saúde e da Vida e da Escola Politécnica da PUCRS - Professor e Coordenador do curso de Graduação em Biomedicina.

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo analizar el funcionamiento psicológico del personaje Miranda Priestly (*El Diablo Viste a la Moda*, 2006) desde la perspectiva de la Terapia de Esquemas, identificando los Esquemas Desadaptativos Tempranos predominantes, los estilos de afrontamiento utilizados y los modos esquemáticos manifestados a lo largo de la narrativa. Se trata de un estudio de caso teórico-clínico de naturaleza cualitativa, fundamentado en la observación sistemática de la obra y en el análisis conductual del personaje. Los resultados indican predominio de Esquemas Maladaptativos Tempranos pertenecientes a los dominios de Hipervigilancia e Inhibición y Límites Insuficientes. Se identificó el uso predominante de estrategias de sobrecompensación y evitación, manifestadas mediante conductas de control y distanciamiento emocional. En cuanto a los modos esquemáticos, se evidencian los modos Padre/Madre Exigente, Padre/Madre Punitivo/Crítico, Sobrecompensador y Protector Desconectado. El estudio demuestra la viabilidad del análisis de personajes ficticios como recurso pedagógico y clínico para la comprensión de patrones complejos de personalidad y modos de funcionamiento emocional en la Terapia de Esquemas.

Palabras-clave: Terapia de Esquemas. Psicología Personalidad.

INTRODUÇÃO

A compreensão de padrões de personalidade e dos modos de funcionamento emocional constitui um dos eixos centrais da prática clínica em Psicologia, especialmente no que se refere à identificação de esquema cognitivos e emocionais que estruturam a percepção de si, do outro e das relações interpessoais. Nesse contexto, a Terapia do Esquema, desenvolvida por Jeffrey Young, apresenta-se como um modelo teórico integrativo, pois agrega elementos oriundos da teoria do apego, da Gestalt-terapia, da abordagem psicodinâmica e de outros teóricos (FARRELL; REISS; SHAW, 2024; YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR; 2008). A abordagem foi desenvolvida com o objetivo de ampliar o modelo cognitivo-comportamental tradicional, iniciada com Beck et al. (2004), no tratamento de pacientes com transtornos de personalidade e padrões emocionais crônicos (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR; 2008).

A proposta da TE parte do entendimento de que determinados padrões disfuncionais não podem ser plenamente explicados apenas por distorções cognitivas momentâneas, mas envolvem estruturas psicológicas mais profundas e duradouras formadas ao longo do desenvolvimento. Nesse contexto, o modelo enfatiza o papel das necessidades emocionais básicas e das experiências precoces na organização da personalidade e na manutenção de padrões comportamentais recorrentes (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; WAINER; RIJO, 2016; BÄR et al., 2023).

No modelo teórico da TE, diferentes componentes são utilizados para compreender o funcionamento psicológico dos indivíduos (FARRELL; REISS; SHAW, 2024). Entre os principais elementos do modelo destacam-se os esquemas iniciais desadaptativos, os domínios

esquemáticos, os estilos de enfrentamento e os modos esquemáticos. Esses componentes permitem compreender de que maneira experiências precoces e necessidades emocionais não atendidas podem influenciar padrões cognitivos, emocionais e comportamentais ao longo da vida (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; WAINER; RIJO, 2016).

Os EIDs são estruturas cognitivas bastante estáveis e duradouras, que se formam desde a infância e possuem a capacidade de influenciar o processamento das experiências vividas, além de posteriormente interferirem na habilidade de atender às necessidades básicas de outras pessoas (OLIVEIRA; NOBRE, 2013; WAINER; RIJO, 2016; FARRELL; REISS; SHAW, 2024). Young, Klosko e Weishaar (2008) desenvolveram esse conceito ao apresentar a TE, uma ampliação da terapia cognitivo-comportamental que incorpora elementos da teoria do apego, da abordagem psicodinâmica e de outras perspectivas teóricas, sendo considerada, portanto, uma abordagem integrativa.

A TE compreende que a personalidade se desenvolve a partir da interação entre fatores genéticos, como o temperamento, e as experiências relacionadas ao ambiente e à forma como as necessidades emocionais básicas são atendidas (LOPES; LEITE; PRADO, 2011). Experiências de vida iniciadas na infância ou adolescência, marcadas pela repetição de situações como maus-tratos, abuso ou presença de cuidadores insuficientemente responsivos às necessidades emocionais básicas, podem levar ao desenvolvimento de EIDs nesses indivíduos (GENDEREN; RIJKEBOER; ARNTZ, 2012; THIMM; CHANG, 2022). Dessa forma, pode-se afirmar, de maneira resumida, que os EIDs estão associados à frustração ou não satisfação das necessidades emocionais básicas. Esses esquemas relacionam-se a percepções distorcidas da realidade e a padrões autoderrotistas. Embora provoquem sofrimento, os EIDs representam formas familiares e já conhecidas de interpretar as experiências, que em determinados momentos mostraram-se funcionais e, muitas vezes, tornam-se uma das principais maneiras de compreender a realidade (WAINER; RIJO, 2016; LOPES et al., 2014). No modelo de desenvolvimento proposto por Young, Klosko e Weishaar (2008), foram identificados 18 EIDs, organizados em cinco domínios esquemáticos, conforme a tabela 1.

Tabela 1 – Esquemas Iniciais Desadaptativos e seus Domínios

Domínios Esquemáticos	Esquemas Iniciais Desadaptativos
I. Desconexão e Rejeição	Abandono/Instabilidade; Desconfiança/Abuso; Privação Emocional; Defectividade/Vergonha; Isolamento Social/Alienação
II. Autonomia e Desempenho Prejudicados	Dependência/Incompetência; Vulnerabilidade ao Dano ou à Doença; Emaranhamento/Self Subdesenvolvido; Fracasso
III. Limites Prejudicados	Arrogo/Grandiosidade; Autocontrole/Autodisciplina Insuficientes
IV. Direcionamento para o Outro	Subjugação; Auto-sacrifício; Busca de Aprovação/Reconhecimento
V. Supervigilância e Inibição	Negativismo/Pessimismo; Inibição Emocional; Padrões Inflexíveis/Postura Crítica Exagerada; Postura Punitiva

Fonte: Adaptado de Young, Klosko e Weishaar (2008).

Os domínios esquemáticos são baseados nas cinco necessidades básicas. O primeiro domínio intitula-se Desconexão e Rejeição, refere-se à expectativa de que necessidades de estabilidades, cuidado, segurança, pertencimento e amor, não serão atendidas, geralmente em decorrência de um ambiente instável e inseguro (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; PAIM; MADALENA; FALCKE, 2012). A principal tarefa evolutiva desse domínio consiste no desenvolvimento de sentimentos de aceitação e pertencimento. Os esquemas associados a ele, muitas vezes estão relacionados a experiências precoces de abuso, rejeição, frieza emocional ou isolamento, que podem levar a dificuldades nos relacionamentos interpessoais (PAIM; MADALENA; FALCKE, 2012; WAINER et al., 2016). Os esquemas que integram esse domínio são: abandono/instabilidade, desconfiança/abuso, privação emocional, defectividade/vergonha e isolamento social/alienação (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

O segundo domínio esquemático, chamado Autonomia e Desempenho Prejudicados, reúne esquemas característicos de indivíduos que apresentam dificuldade em moldar a sua própria identidade, diferenciando-se dos cuidadores, bem como em assumir responsabilidades pela própria vida, estabelecer objetivos pessoais e desenvolver habilidades para alcançá-los (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). As famílias desses indivíduos tendem a satisfazer excessivamente as vontades deles, na infância, assim como assumir um comportamento

superprotetor, dificultando o desenvolvimento da principal tarefa evolutiva dessa fase, que consiste na formação de um senso adequado de autonomia e competência (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; WAINER et al., 2016). Os esquemas pertencentes a esse domínio, são: dependência/incompetência, vulnerabilidade ao dano ou à doença, emaranhamento/self subdesenvolvido e fracasso (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

O terceiro domínio esquemático, Limites Prejudicados, está associado a dificuldades em respeitar os direitos alheios, cooperar e manter compromissos (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Indivíduos com esquemas desse domínio tendem a agir a partir de crenças de superioridade em relação às demais pessoas e às normas sociais, apresentando dificuldade no controle de impulsos (PAIM; MADALENA; FALCKE, 2012). No âmbito familiar, é comum haver permissividade ou indulgência excessiva, além de pouca orientação sobre limites e responsabilidades, o que dificulta o desenvolvimento de limites realistas na criança (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Como consequência, indivíduos oriundos dessas famílias podem desenvolver os seguintes esquemas: arrogo/grandiosidade e autocontrole/autodisciplina insuficientes (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

O quarto domínio esquemático, denominado Direcionamento para o Outro, caracteriza-se pela tendência de priorizar as necessidades alheias em detrimento das próprias, com o objetivo de obter aprovação e aceitação, afeto ou evitar retaliações (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Indivíduos com esquemas pertencentes a esse domínio costumam suprimir seus desejos e necessidades na busca constante de amor, chegando a apresentar dificuldade no reconhecimento das próprias preferências (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; PAIM; MADALENA; FALCKE, 2012). Em geral, durante a infância, esses indivíduos sentiram que a aceitação de si, por seus cuidadores, esteve condicionada a comportamentos que agradassem à família, mesmo quando se fazia necessário suprimir aspectos importantes de si mesmo para obter aprovação (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; WAINER et al., 2016). Os esquemas que compõem esse domínio são: subjugação, autossacrifício e busca de aprovação/busca de reconhecimento (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

O quinto e último domínio, Supervigilância e Inibição, é caracterizado pela supressão de sentimentos e impulsos espontâneos, bem como pela forte exigência em seguir regras internas rígidas relacionadas ao desempenho e à postura moral (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Como efeito, os indivíduos podem apresentar dificuldade na expressão de emoções, em

relaxar, vivenciar momentos de prazer e estabelecer relações íntimas, levando a impactos negativos na vida (PAIM; MADALENA; FALCKE, 2012). Tais esquemas tem origem em ambientes familiares rígidos, punitivos e perfeccionistas, nos quais há pouca ou nenhuma valorização do lazer e da espontaneidade, e grande incentivo à vigilância frente a erros e/ou acontecimentos negativos (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Desse modo, a tarefa evolutiva de expressão emocional legítima não se desenvolve de maneira satisfatória, originando os esquemas: negativismo/pessimismo, inibição emocional, padrões inflexíveis/postura crítica exagerada e postura punitiva (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; WAINER et al., 2016).

A ativação dos EIDs ocorre, geralmente, em situações nas quais o indivíduo percebe ameaça ou risco emocional. Nesses momentos, experiências ou estímulos do ambiente podem remeter às vivências que contribuíram para a formação dos esquemas, despertando emoções intensas e desagradáveis. Essa reação ocorre porque os esquemas se desenvolvem a partir da frustração de necessidades emocionais básicas durante a infância, o que faz com que determinadas situações sejam interpretadas como potencialmente ameaçadoras ao bem-estar psicológico do indivíduo (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Considerando que os EIDs se formam precocemente e tendem a permanecer ativos ao longo da vida, os indivíduos desenvolvem diferentes estratégias para lidar com o sofrimento decorrente de sua ativação (ZEYNEL; UZER, 2020). Nesse contexto, surgem os estilos de enfrentamento, que representam formas de adaptação aos esquemas. Embora possam proporcionar algum alívio momentâneo diante das emoções evocadas, tais estratégias frequentemente são disfuncionais e acabam contribuindo para a manutenção e perpetuação dos próprios esquemas (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; PAIM; MADALENA; FALCKE, 2012). Tais estratégias passam a serem lidas como formas naturais de agir. Os autores, Young, Klosko e Weishaar (2008), descrevem três estilos de enfrentamento desadaptativos, baseados em respostas evolutivas à ameaça: resignação (congelamento), evitação (fuga) e hipercompensação (luta) (WAINER et al., 2016).

A resignação ou manutenção esquemática, como também é chamada, ocorre quando o indivíduo aceita o esquema como verdadeiro e age de modo a confirmá-lo. Esse processo envolve, comumente, distorções cognitivas que reforçam o esquema, levando à repetição automática de padrões de comportamento semelhantes aos vivenciados na infância, podendo

levar, inclusive, o indivíduo a buscar contextos e relacionamentos que reproduzem o contexto ao qual levou ao desenvolvimento dos EIDs (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Já a evitação é caracterizada por esforços para não entrar em contato com o seu esquema. Nesse contexto, o indivíduo pode organizar sua vida de forma a evitar situações potencialmente ativadoras ou se envolver em comportamentos e atividades compulsivas, como uso de substâncias, trabalho excessivo ou comer compulsivo (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Como consequência, o indivíduo tende a restringir suas experiências, podendo evitar relacionamentos íntimos, desafios profissionais e situações que o levem a sentir-se vulnerável ou que o faça entrar em contato com suas emoções (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

De maneira oposta, a hipercompensação caracteriza-se por pensamentos, sentimentos e comportamentos opostos ao conteúdo do esquema, levando a tentativas exageradas de demonstrar o contrário daquilo que o indivíduo teme ou acredita sobre si. Segundo Young, Klosko e Weishaar (2008), indivíduos com esse estilo de enfrentamento podem demonstrar sentirem-se seguros e autoconfiantes, porém, internamente, sentem-se vulneráveis. Indivíduos hipercompensadores adotam comportamentos excessivos e/ou controladores, que podem levar ao desenvolvimento de esquemas secundários e prejuízos nas relações sociais (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Este estilo de enfrentamento, além de manter os esquemas primários, faz com que eles se intensifiquem, quando as estratégias falham.

As estratégias de enfrentamentos referem-se à maneira como um indivíduo reage à ativação de um EID, enquanto as respostas de enfrentamento correspondem aos comportamentos específicos apresentados nessas situações (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; WAINER et al., 2016). Indivíduos tendem a responder de forma semelhantes em diferentes situações ativadoras dos esquemas, configurando um estilo de enfrentamento predominante. A tendência por um estilo de enfrentamento em detrimento de outro, é interpretada por Young, Klosko e Weishaar (2008) como decorrentes de características temperamentais e à aprendizagem através de modelagem nas relações com os cuidadores (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Tais interações entre esquemas, emoções e estratégias de enfrentamento, levam ao conceito de modos esquemáticos, que representam estados emocionais e padrões de resposta ativados em determinados momentos (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; FARRELL; REISS; SHAW, 2024).

Existem 4 principais tipos de modos, ver tabela 2: os modos criança, modos enfrentamento desadaptativo, modos pais disfuncionais e modo adulto saudável (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; EDWARDS, 2022). Os modos podem ser definidos como o estado cognitivo, emocional e comportamental no qual o indivíduo se encontra no momento (FARRELL; REISS; SHAW, 2024). Os modos disfuncionais ocorrem mais frequentemente frente a ativação de vários esquemas desadaptativos, geralmente em resposta a situações interpretados como emocionalmente intensas e/ou ameaçadoras (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008; FARRELL; REISS; SHAW, 2024). Em indivíduos com transtornos de personalidade, os modos são relativamente desconectados, fazendo com que eles experienciem apenas um modo de cada vez embora eles possam mudar rapidamente gerando mudanças abruptas no comportamento e reações desproporcionais ao contexto, o que pode contribuir para dificuldades interpessoais e instabilidade emocional (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Em outros casos, determinados modos podem permanecer mais rigidamente predominantes, influenciando de forma contínua a maneira como o indivíduo percebe e responde às situações (PAIM; CARDOSO, 2019).

No que se refere aos modos disfuncionais, estes refletem estados emocionais associados à ativação dos EIDs e às estratégias de enfrentamento inadequadas. Em contraste, também podem ser citados modos saudáveis, relacionados a estados emocionais e padrões de funcionamento adaptativos, que favorecem a regulação emocional e o atendimento adequado das necessidades psicológicas (EDWARDS, 2022).

Os modos criança representam estados emocionais intensos relacionados às necessidades emocionais básicas não atendidas, manifestando sentimentos como vulnerabilidade, raiva, ansiedade, impulsividade ou solidão (FARRELL; REISS; SHAW, 2024). Esses modos expressam as reações emocionais mais primárias do indivíduo diante de situações que reativam os EIDs. Os modos da criança são geralmente descritos em diferentes formas. O modo Criança Vulnerável caracteriza-se por estados emocionais ansiosos ou disfóricos, como medo, desamparo e tristeza, estando frequentemente associada à ativação de esquemas pertencentes aos domínios Desconexão e Rejeição, Autonomia e Desempenho Prejudicados e Supervigilância e Inibição. O modo Criança Zangada está relacionado à expressão de raiva diante da frustração das necessidades emocionais fundamentais ou à percepção de tratamento injusto, sendo frequentemente associado à ativação de esquemas dos domínios Desconexão e

Rejeição e Direcionamento para o Outro. Já o modo Criança Impulsiva ou Indisciplinada é marcado por impulsividade, dificuldade em tolerar frustrações, falta de limites e desconsideração das necessidades ou sentimentos alheios, estando principalmente relacionado à ativação de esquemas do domínio Limites Prejudicados. Por fim, o modo Criança Feliz refere-se a um estado emocional saudável, no qual o indivíduo se percebe amado, conectado, satisfeito e emocionalmente seguro, não estando associado à ativação de esquemas desadaptativos (PAIM; CARDOSO, 2019; YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Os modos enfrentamento desadaptativo correspondem às estratégias utilizadas para lidar com o sofrimento associado aos EIDs, frequentemente por meio de evitação, hipercompensação ou submissão (FARRELL; REISS; SHAW, 2024). Esses modos refletem tentativas de adaptação que, embora possam reduzir temporariamente o desconforto emocional, tendem a manter ou intensificar os padrões disfuncionais ao longo do tempo. Entre eles, destaca-se o modo Capitulador Complacente, caracterizado por um estilo de enfrentamento marcado por obediência excessiva e dependência; o modo Protetor Desligado, no qual o indivíduo assume uma postura de desconexão, retraimento emocional, evitação comportamental e isolamento (FARRELL; REISS; SHAW, 2024); e o modo Hipercompensador, marcado por comportamentos de contra-ataque e controle (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

9

O modo Pais Disfuncionais reflete a internalização de críticas, punições ou exigências provenientes de figuras parentais ou de outros cuidadores significativos. Esse comportamento pode ser direcionado a si mesmo ou aos outros (FARRELL; REISS; SHAW, 2024; PURI, et al., 2021). Os modos Pais Disfuncionais incluem o modo Pai/Mãe Punitivo ou Crítico, no qual o indivíduo pune a si mesmo ou aos outros, restringe e critica, estando associado a esquemas dos domínios Direcionamento para o Outro, Supervigilância e Inibição e Desconexão e Rejeição; e o modo Pai/Mãe Exigente, no qual o indivíduo estabelece expectativas e níveis de responsabilidade elevados em relação a si mesmo e aos outros, exercendo forte pressão por desempenho. Os domínios envolvidos nesse modo são Supervigilância e Inibição e Direcionamento para o Outro (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Por fim, o modo Adulto Saudável representa o estado psicológico mais adaptativo, associado à capacidade de autorregulação emocional, reflexão e atendimento equilibrado das próprias necessidades (PAIM; CARDOSO, 2019). Esse modo auxilia no atendimento das

necessidades emocionais básicas da criança. Envolve a capacidade de refletir sobre as próprias experiências e tomar decisões equilibradas, permitindo que o indivíduo reconheça e responda de forma adaptativa às necessidades emocionais próprias e dos outros. O Adulto Saudável também exerce a função de proteger e acolher os modos da Criança Vulnerável, ao mesmo tempo em que estabelece limites para os modos desadaptativos (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Tabela 2 – Modo Criança e Modo Pais Disfuncionais

Modo	Descrição	EIDs Relacionados e Domínios
Criança Vulnerável	Sentimentos de medo, tristeza, solidão, vergonha, desamparo ou insegurança; sensação de abandono emocional e fragilidade diante das situações.	<p>I. Desconexão e Rejeição: Abandono/Instabilidade; Desconfiança/Abuso; Privação Emocional; Defectividade/Vergonha; Isolamento Social/Alienação.</p> <p>II. Autonomia e Desempenho Prejudicados: Dependência/Incompetência; Vulnerabilidade ao Dano ou à Doença; Emaranhamento/Self Subdesenvolvido;</p> <p>V. Supervigilância e Inibição: Negativismo/pessimismo</p>
Criança Zangada	Expressão intensa de raiva, frustração ou irritação quando necessidades emocionais não são atendidas ou quando o indivíduo percebe injustiça ou desvalorização.	<p>I. Desconexão e Rejeição: Abandono/Instabilidade; Desconfiança/Abuso; Privação Emocional;</p> <p>IV. Direcionamento para o Outro: Subjugação (ou outros relacionados com à criança vulnerável)</p>
Criança Impulsiva/Indisciplinada	Impulsividade, dificuldade em tolerar frustrações, busca imediata por satisfação de desejos, dificuldade em respeitar limites e	<p>III. Limites Prejudicados: Arrogo/Grandiosidade; Autocontrole/Autodisciplina Insuficientes.</p>

	considerar consequências ou necessidades alheias.	
Criança Feliz	Sentimentos de segurança, conexão, espontaneidade, alegria e satisfação emocional; estado associado ao atendimento adequado das necessidades emocionais básicas.	Não está associado à ativação de esquemas desadaptativos.
Pai/mãe Punitivo/Crítico	Crítica, pune ou restringe a si ou outros.	I.Desconexão e Rejeição: Desconfiança/abuso; Defectividade/Vergonha. III.Direcionamento para o Outro: Subjugação. V.Supervigilância/Inibição: Postura Punitiva;
Pai/Mãe Exigente	Cria expectativas e altos níveis de responsabilidade em relação a outros, pressão, sobre si ou outros, para cumpri-las.	IV.Direcionamento para o Outro: Auto-sacrifício. V.Supervigilância e Inibição: Padrões Inflexíveis/Postura Crítica Exagerada.

Fonte: Adaptado de Young, Klosko e Weishaar (2008).

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como um estudo de caso teórico-clínico, de natureza qualitativa e interpretativa (YIN, 2015), fundamentado na análise de um personagem Miranda Priestly do filme O Diabo Veste Prada (2006). O procedimento de coleta de dados consistiu na observação sistemática da obra em sua totalidade, com o registro de forma detalhada das falas, comportamentos e interações sociais, tendo o cinema como recurso metodológico para a visualização de conceitos clínicos (ERIKSON; ERIKSON; PUNZI, 2020). A seleção de cenas para a análise seguiu critérios de relevância clínica, focando em situações conflituosas, estresse e padrões consistentes de funcionamento emocional. Os dados foram organizados e categorizados sob os constructos da TE relacionando os episódios narrativos aos EIDs e modos esquemáticos correspondentes (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Como limitação, destaca-se a natureza fictícia da personagem, o que restringe a análise ao material audiovisual

disponível e impossibilita a aplicação de instrumentos clínicos padronizados ou a investigação de variáveis externas ao corte cinematográfico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Miranda Priestly, protagonista do longa-metragem *O Diabo Veste Prada* (2006), é retratada como a influente editora-chefe da revista de moda *Runway Magazine*, cujo funcionamento psicológico é alicerçado em padrões de comportamento rígido, controlador e autoritário. Sua liderança é marcada por altíssimos padrões de exigência, comunicação objetiva, uma postura emocional distante e baixa tolerância a erros, estabelecendo uma dinâmica de trabalho competitiva em que falhas e vulnerabilidades não são toleradas. As interações de Miranda, especialmente com suas assistentes Andrea Sachs e Emily Charlton, evidenciam um padrão de comportamento focado no alto desempenho e na manutenção do poder, subordinando vínculos afetivos e necessidades alheias à sua estabilidade profissional e à excelência da revista. Tais características sugerem que sua identidade está fundida ao cargo, operando sob uma lógica de merecimento e padrões inflexíveis que repercutem tanto no clima organizacional quanto em sua vida pessoal.

No que se refere ao enredo, a narrativa do filme gira principalmente em torno da relação de Miranda com sua nova assistente, Andrea Sachs (Andy), uma jovem recém-formada em jornalismo e sem experiência prévia na área da moda. Andy aceita o emprego tanto por necessidade financeira quanto pela expectativa de que a experiência possa futuramente favorecer sua inserção em um jornal, área que considera mais relevante e alinhada aos seus interesses profissionais.

Desde o início, a dinâmica entre ambas evidencia o estilo de liderança de Miranda, marcado por exigências elevadas, comunicação direta, conduta rígida e pouca, ou nenhuma, tolerância a erros ou falhas, o que contrasta significativamente com a inexperiência de Andy. Ao longo do filme, a relação profissional entre as duas torna-se um dos principais meios de exposição das características comportamentais de Miranda.

Além de Andy, Miranda conta com a atuação de sua primeira assistente, Emily Charlton, que ocupa o cargo há mais tempo e demonstra conhecer profundamente os padrões comportamentais e o nível de exigência de sua superiora. Emily busca constantemente atender e até antecipar suas necessidades, reforçando o padrão comportamental de Miranda e o alto

nível de cobrança presentes no ambiente de trabalho. Também se destaca a interação entre Miranda e Nigel, diretor de arte da revista, com quem mantém uma relação relativamente mais estável e respeitosa, sugerindo reconhecimento profissional mútuo, embora ele também realize esforços constantes para atender às expectativas da editora.

Fora do ambiente profissional, o filme apresenta Nate, namorado de Andy, cuja relação contribui para evidenciar os impactos das exigências do trabalho na vida pessoal da assistente. Esse núcleo narrativo permite observar como o contexto profissional, fortemente influenciado pela liderança de Miranda, repercute nas relações interpessoais e nas dinâmicas emocionais daqueles que a cercam. Dessa forma, as interações apresentadas ao longo da narrativa evidenciam um ambiente de trabalho competitivo e hierarquizado, marcado pelo estilo autoritário da editora-chefe, que levam a prejuízos na relação entre Andy e Nate.

No que diz respeito às características pessoais, Miranda Priestly é retratada como uma mulher extremamente elegante, sofisticada e influente no universo da moda, exercendo o cargo de editora-chefe de uma revista de renome internacional. Sempre bem vestida, com postura firme e olhar atento, transmite autoridade de forma constante. Além disso, demonstra elevada competência profissional e amplo reconhecimento na indústria, participando de decisões importantes e influenciando tendências no cenário da moda.

13

Sua rotina de trabalho é intensa e marcada por padrões elevados de exigência. No ambiente profissional, Miranda adota postura autoritária e rígida, mantendo uma hierarquia claramente definida entre seus subordinados. É reconhecida por seu perfeccionismo e por ser difícil de agradar, estabelecendo expectativas elevadas para sua equipe. Apresenta baixa tolerância a erros, falhas ou despreparo, esperando que seus funcionários antecipem suas necessidades e executem tarefas com rapidez, precisão e qualidade.

Miranda comunica-se de forma objetiva e econômica, porém suas falas são marcantes e frequentemente carregadas de ironia. Suas interações são caracterizadas por autoridade, controle e cobrança constante, além de demonstrar dificuldade em expressar empatia nas relações profissionais. A vida pessoal da personagem recebe menor destaque ao longo do filme, sugerindo que sua identidade se encontra fortemente associada à carreira e ao desempenho profissional. Ainda assim, alguns momentos da narrativa revelam que, por trás de sua postura fria e inflexível, há uma mulher submetida a intensas pressões pessoais e profissionais,

elemento que contribui para a construção da complexidade de sua personalidade, como exemplificado na tabela 3.

Tabela 3 – Sistematização dos padrões comportamentais apresentados por Miranda ao longo da narrativa

Padrão Comportamental Observável	Comportamento	Exemplo do Filme (Cena)
Rigor e alto padrão profissional	Exige excelência da equipe; Não tolera erros;	Repreende falhas mínimas de Andy
Atenção refinada à estética	Observa detalhes mínimos e composições visuais	Avaliação e escolhas de peças de roupas e/ou acessórios, mesmo quando muito semelhantes
Sentido elevado de merecimento e privilégio	Espera que suas necessidades, não importa qual sejam, sejam atendidas prontamente	Solicita que a assistente obtenha os manuscritos inéditos da série Harry Potter para uso pessoal de suas filhas
	Expectativa de atendimento irrestrito às próprias demandas	Liga para o trabalho informando que espera que seu café do Starbucks, esteja quente quando chegar, sem informar o horário em que vai chegar.
	Expectativa de cumprimento imediato de solicitações	Mantém exigência de retorno imediato mesmo após ser informada da impossibilidade de voar de avião
Postura hierárquica nas relações	Mantém distância afetiva dos funcionários	Interações sem calor humano ou empatia
		Sempre chama o nome das secretárias errado
	Exercício rígido de autoridade	Funcionários demonstram tensão em sua presença
	Autoridade formal	Funcionários mudam o comportamento mediante a sua chegada no ambiente
Distanciamento emocional	Controle relacional	Adianta reuniões sem considerar o impacto nos outros envolvidos
	Mantém a postura firme e contida, sem expressar vulnerabilidade	Mantém a agenda de trabalho normalmente, mesmo diante de um pedido de divórcio

		Breve conversa com Andy onde menciona o divórcio sem demonstrar sofrimento, apenas frustração
		Diante da possibilidade da perda de seu cargo, não expõe sua situação para os funcionários e não demonstra emoções
Priorização estratégica de interesses profissionais	Toma decisões visando manutenção do poder e posição profissional	Deixa de indicar Nigel para uma melhor oportunidade profissional para ele e indica Jacqueline para preservar sua posição na revista
	Subordina vínculos pessoais a estratégias de carreira	Conduz negociações priorizando a sua estabilidade profissional, mesmo que prejudiquem colegas de trabalho
Identificação com comportamentos competitivos e orientados ao êxito	Reconhece e valida comportamentos competitivos semelhantes aos seus	Em conversa no carro, afirma que Andy teve escolha ao aceitar ir para Paris e reconhece semelhança entre suas decisões profissionais (sorri ao perceber isso)

Fonte: Os autores (2026).

A partir da análise sistemática das interações de Miranda Priestly, no contexto profissional, é possível identificar padrões de comportamento consistentes relacionados à rigidez, ao perfeccionismo, à necessidade de controle e a padrões elevados de exigência em relação a si mesma e aos outros. Tais elementos sugerem a predominância de esquemas pertencentes aos domínios Supervigilância e Inibição e Limites Prejudicados, conforme proposto por Young, Klosko e Weishaar (2008).

No que se refere ao domínio Supervigilância e Inibição, é possível identificar a presença dos EIDs Padrões Inflexíveis/Postura Crítica Exagerada, Inibição Emocional e Postura Punitiva. Dentre eles, destaca-se o esquema Padrões Inflexíveis/Postura Crítica Exagerada, que se manifesta através da exigência de perfeccionismo e expectativa constante de excelência por parte dos seus subordinados. Miranda demonstra baixa tolerância para erros e impõe padrões extremamente elevados de desempenho, além de esperar que sua equipe antecipe suas necessidades.

O esquema de Inibição Emocional é observado através da forma como a personagem evita expressar suas emoções e sentimentos, mantendo uma postura emocionalmente contida, mesmo frente a situações de vulnerabilidade emocional (WAINER et al., 2016). Mesmo em situações de estresse significativo e emocionalmente relevantes, ela mantém uma postura controlada, sugerindo uma tendência à supressão das emoções e valorização do autocontrole.

Sobre o esquema Postura Punitiva, pode-se dizer que é evidenciado pela maneira como Miranda lida com erros ou falhas daqueles que estão à sua volta (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Frequentemente Miranda faz críticas severas, desqualificando o trabalho dos outros, criando um contexto de punição verbal. Esse padrão evidencia a crença de que falhas devem ser punidas de forma rígida.

O segundo domínio relevante para o caso é o Limites Prejudicados, caracterizado por dificuldades em respeitar os direitos e necessidades de outros indivíduos, bem como pela crença de que suas necessidades estão acima das dos demais, refletindo um senso de merecimento especial e superioridade (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Observa-se que, referente a este domínio, Miranda apresenta os esquemas de Arrogo/Grandiosidade e Autocontrole/Autodisciplina Insuficientes.

Miranda possui uma forte crença de que todos devem atender suas necessidades imediatamente e de forma irrestrita. Ela parece sentir-se à vontade ao solicitar tarefas impossíveis aos seus colaboradores, e este padrão de comportamento representa muito bem o esquema Arrogo/Grandiosidade.

Já o esquema Autocontrole/Autodisciplina Insuficientes é percebido na maneira como Miranda reage à frustração quando suas demandas não são atendidas ou quando ocorrem contratempos ou falhas no cumprimento daquilo que espera. Em tais situações, a personagem tende a reagir com irritação e críticas, demonstrando pouca flexibilidade emocional e empatia. Nesse sentido, a sistematização dos padrões comportamentais de Miranda, conforme a tabela 4, permite identificar as manifestações clínicas que fundamentam a análise dos seus EIDs e modos esquemáticos.

Tabela 4 - Exemplo de cenas do filme e identificação dos EIDs do domínio Limites Prejudicados

Cena do filme	EID ativado
Miranda exige que Andy consiga um avião para levá-la de volta a NY, durante uma tempestade, quando todos os voos estão cancelados	Arrogo/Grandiosidade; Autocontrole/Autodisciplina Insuficientes
Miranda altera horários de reuniões sem se preocupar com os demais afetados	Arrogo/Grandiosidade
Miranda repreende falhas mínimas de Andy	Padrões Inflexíveis/Postura Crítica Exagerada; Postura Punitiva
Miranda mantém uma postura emocional contida ao mencionar seu processo de divórcio	Inibição Emocional
Não menciona para ninguém a possibilidade de perder seu cargo e age para evitar isso	Inibição Emocional
Andy ri, pois não compreende a diferença entre dois acessórios, e Miranda ridiculariza a opinião de Andy, em frente a outras pessoas	Padrões Inflexíveis/Postura Crítica Exagerada; Postura Punitiva
Após Andy cometer um erro, Miranda solicita o cumprimento de tarefas absurdas, como Andy conseguir os manuscritos inéditos do novo livro do Harry Potter	Postura Punitiva; Arrogo/Grandiosidade
Miranda conduz negociações priorizando sua estabilidade profissional acima de tudo	Arrogo/Grandiosidade
Liga para o trabalho informando que espera que seu café do Starbucks esteja quente em sua mesa, quando chegar. Não informa quando irá chegar	Arrogo/Grandiosidade; Inflexíveis/Postura Crítica Exagerada; Autocontrole/Autodisciplina Insuficientes
Deixa de indicar Nigel, após combinação prévia, para a vaga dos sonhos dele, visando objetivos pessoais seus	Arrogo/Grandiosidade; Autocontrole/Autodisciplina Insuficientes
Ao conversar com Andy no carro, reconhece semelhanças profissionais entre as duas	Arrogo/Grandiosidade

Fonte: Os autores (2026).

Após a identificação dos EIDs predominantes, é possível inferir de que maneira a personagem reage à ativação desses esquemas através dos estilos de enfrentamento. Há três

estilos de enfrentamento, sendo eles a resignação, a evitação e a hipercompensação (WAINER et al., 2016). É através deles que os indivíduos lidam com o sofrimento emocional gerado pela ativação dos esquemas iniciais desadaptativos.

No caso de Miranda Priestly, observa-se a predominância do estilo de enfrentamento de hipercompensação. Esse estilo é caracterizado por comportamentos que buscam demonstrar o oposto daquilo que o indivíduo teme ou acredita sobre si, muitas vezes se manifestando através de controle excessivo, postura dominante e tentativas de mostrar-se superior (WAINER et al., 2016). É possível que esse estilo de enfrentamento esteja associado a personagem, como uma estratégia para lidar com a própria vulnerabilidade emocional, em que os comportamentos de hierarquização, autoritários e rígidos, nada mais sejam do que uma hipercompensação.

Além da hipercompensação, também podem ser observados elementos associados ao estilo de evitação esquemática. A evitação ocorre quando o indivíduo busca evitar situações ou experiências que possam ativar emoções dolorosas relacionadas aos esquemas (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). No caso da personagem, essa dinâmica manifesta-se principalmente por meio do distanciamento emocional e da dificuldade em expressar sentimentos ou demonstrar fragilidade diante dos outros. Em diferentes momentos do filme, Miranda mantém uma postura emocionalmente contida, evitando compartilhar aspectos pessoais ou demonstrar sofrimento, mesmo em situações potencialmente estressoras, como o processo de divórcio ou a possibilidade de perda de seu cargo.

18

A partir da compreensão dos EIDs e estilos de enfrentamento predominantes de Miranda Priestly, é possível identificar e compreender os modos esquemáticos que se manifestam no funcionamento psicológico da personagem. Os modos representam estados emocionais e padrões de resposta ativados em diferentes situações, refletindo a interação entre os EIDs, as emoções e as estratégias de enfrentamento (FARRELL; REISS; SHAW, 2024).

Os principais modos observados estão relacionados aos Pais Disfuncionais e ao Modos de Enfrentamento Desadaptativo. Dentre eles, destaca-se o modo Pai/Mãe Exigente, que é marcado por padrões elevados de desempenho e expectativas rígidas sobre si e os outros (PAIM; CARDOSO, 2019). Evidencia-se esse modo em situações onde Miranda exige excelência constante da sua equipe, demonstrando intolerância a erros e expectativas elevadas de desempenho.

O modo Pai/Mãe Punitivo/Crítico, também fica evidente em várias cenas, através da maneira severa pela qual Miranda trata seus subordinados, além de desqualificá-los frente a erros ou falhas. A ativação desse modo contribui para um ambiente de trabalho marcado por cobranças intensas e o medo de falhar (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Entre os modos de enfrentamento desadaptativos, destaca-se o modo Hipercompensador, caracterizado por comportamentos de controle, dominação e busca por superioridade (FARRELL; REISS; SHAW, 2024). Esse modo é facilmente observável em cenas em que Miranda exerce autoridade e mantém forte controle sobre as decisões e relações profissionais.

Outro modo relevante é o Protetor Desligado, identificado através de postura emocionalmente distante e controlada, observada ao longo de todo o filme na personagem principal. O modo Protetor Desligado manifesta-se através da evitação de expressão emocional, mesmo diante de grande sofrimento, como da situação do divórcio ou de perder seu emprego na revista (PAIM; CARDOSO, 2019).

Por fim, de maneira subjacente, é possível hipotetizar a presença do modo Criança Impulsiva/Indisciplinada, ainda que este não seja explicitamente expresso de forma predominante ao longo da narrativa. Esse modo caracteriza-se por dificuldade em tolerar frustrações e por comportamentos que desconsideram limites ou consequências para os outros (FARRELL; REISS; SHAW, 2024). No caso de Miranda, esse padrão pode ser observado em situações nas quais solicita tarefas extremamente difíceis ou pouco realistas aos seus subordinados, como quando exige que Andy consiga um voo para levá-la de volta a Nova York durante uma tempestade, mesmo após ser informada de que todos os voos estavam cancelados. Nessas situações, observa-se baixa tolerância à frustração e pouca consideração pelas limitações impostas pelo contexto ou pelas necessidades dos outros.

De maneira integrada, observa-se que os EIDs predominantes relacionados aos domínios Supervigilância e Inibição e Limites Prejudicados influenciam diretamente a maneira como Miranda se posiciona em suas relações profissionais. A ativação desses esquemas induz a ocorrência de estratégias de hipercompensação, manifestadas através do controle excessivo, rigidez comportamental e manutenção de uma postura de superioridade e autoridade. Ao mesmo tempo, elementos de evitação esquemática também estão presentes, principalmente

através do distanciamento emocional e da dificuldade em expressar vulnerabilidade, o que contribui para a manutenção das relações interpessoais marcadas por frieza e hierarquia.

Nesse contexto, os modos esquemáticos identificados parecem operar de forma complementar na organização do funcionamento psicológico da personagem. Esses modos contribuem para sustentar um padrão comportamental rígido, orientado ao desempenho e ao controle, ao mesmo tempo em que limitam a expressão emocional e a construção e fortalecimento de vínculos interpessoais. Embora esse funcionamento garanta sucesso profissional e a manutenção do *status quo* na indústria da moda, inviabiliza a construção de vínculos autênticos, aprisionando a personagem em um ciclo de privação emocional, através da manutenção dos seus EIDs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação do modelo teórico da TE à análise da personagem Miranda Priestly permitiu elucidar a complexidade de um funcionamento psicológico associados a rigidez comportamental, perfeccionismo, necessidade de controle e elevado nível de exigência profissional. A identificação de EIDs pertencentes aos domínios Supervigilância e Inibição e Limites Prejudicados revela como padrões de exigência e grandiosidade podem servir de sustentáculo para uma identidade profissional de alto êxito, ainda que à custa de intensa privação emocional.

20

A articulação entre EIDs, estratégias de enfrentamento e modos esquemáticos demonstrou como comportamentos rígidos e o distanciamento afetivo operam como mecanismos de defesa contra vulnerabilidades subjacentes. Essa análise evidencia que a postura autoritária de Miranda, não é apenas um traço de personalidade, mas uma resposta adaptativa, ainda que disfuncional, que perpetua o seu funcionamento rígido e pouco social.

Por fim, o estudo reforça que a utilização de personagens fictícios e da cultura cinematográfica constitui um recurso valioso para fins didáticos e formativos, favorecendo a visualização prática de conceitos teóricos frequentemente utilizados na clínica psicológica. A TE, é uma abordagem que favorece a transposição de conceitos teóricos complexos para a compreensão da prática clínica, auxiliando na compreensão de padrões de funcionamento que, embora retratados no cinema, são frequentes no contexto terapêutico. O caso de Miranda

Priestly serve, portanto, como um arquétipo para a discussão sobre a sociedade do desempenho e os limites entre a excelência profissional e o sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

BÄR, A.; BÄR, H. E.; RIJKEBOER, M. M.; LOBBESTAEL, J. Early maladaptive schemas and schema modes in clinical disorders: a systematic review. *Psychology and Psychotherapy*, v. 96, n. 3, p. 716–747, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/papt.12465>. Acesso em: 8 mar. 2026.

BECK, A. T. et al. *Cognitive therapy of personality disorders*. 2. ed. New York: Guilford Press, 2004.

EDWARDS, D. J. A. Using schema modes for case conceptualization in schema therapy: an applied clinical approach. *Frontiers in Psychology*, v. 12, p. 763670, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.763670>. Acesso em: 8 mar. 2026.

ERIKSON, M.; ERIKSON, M. G.; PUNZI, E. Reading fiction as a learning activity in clinical psychology education: students' perspectives. *International Journal of Teaching and Learning in Higher Education*, v. 32, n. 2, p. 171–179, 2020. Disponível em: <https://www.isetl.org/ijtlhe/>. Acesso em: 08 mar. 2026.

FARRELL, Joan M.; REISS, Neele; SHAW, Ida A. *Terapia do esquema: guia para tratamento individual, em grupo e integrado*. Porto Alegre: Artmed, 2024.

HEATH, Guy; STARTUP, Helen (org.). *Creative methods in schema therapy: advances and innovation in clinical practice*. London: Routledge, 2020.

LOPES, R. F. F. et al. Contribuições da escola alemã para a terapia do esquema para crianças. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 93–102, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 mar. 2026.

LOPES, R. F. F.; LEITE, D. T.; PRADO, T. P. Proposta psicoeducativa para crianças baseada na terapia de esquemas. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 46–60, 2011. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/rbtc.org.br/pdf/v7n2ao8.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2026.

OLIVEIRA, C.; NOBRE, P. Cognitive structures in women with sexual dysfunction: the role of early maladaptive schemas. *Journal of Sexual Medicine*, [S.l.], v. 10, n. 7, p. 1755–1763, jul. 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1743609515304306>. Acesso em: 2 mar. 2026.

PAIM, K.; CARDOSO, B. L. A. (org.). *Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2019.

PAIM, K.; MADALENA, M.; FALCKE, D. Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 31-39, jun. 2012.

PURI, P; KUMAR, D.; MURALIDHARAN, K.; KISHORE, M. T. (Evaluating schema modes and cognitive distortions in borderline personality disorder: A mixed-method approach. **Journal of Clinical Psychology**, 77(9), p. 1973-1984, 2021. <https://doi.org/10.1002/jclp.23126>

THIMM, J. C.; CHANG, M. Early maladaptive schemas and mental disorders in adulthood: a systematic review and meta-analysis. **International Journal of Cognitive Therapy**, v. 15, n. 4, p. 371-413, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s41811-022-00149-7>. Acesso em: 8 mar. 2026.

VAN GENDEREN, H.; RIJKEBOER, M.; ARNTZ, A. Theoretical model: schemas, coping styles, and modes. In: VAN VREESWIJK, M.; BROERSEN, J.; NADORT, M. (eds.). *The Wiley-Blackwell handbook of schema therapy: theory, research and practice*. Sussex: Wiley-Blackwell, 2012. p. 173-184.

WAINER, R. et al. Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia. Porto Alegre: Artmed, 2016.

WAINER, R.; RIJO, D. O modelo teórico: esquemas iniciais desadaptativos, estilos de enfrentamento e modos esquemáticos. In: WAINER, R. et al. (org.). *Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia*. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 112-130.

YOUNG, J. E.; KLOSKO, J. S.; WEISHAAR, M. E. Terapia do esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras. Porto Alegre: Artmed, 2008.

YIN, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (5a ed.). Bookman.

ZEYNEL, Z.; UZER, T. Adverse childhood experiences lead to trans-generational transmission of early maladaptive schemas. **Child Abuse & Neglect**, v. 99, p. 104235, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213419304120>. Acesso em: 8 mar. 2026.